

Tempo Comum - 24º Domingo

Serra do Pilar, 17 setembro 2017

Irmãos:

A Pessoa faz a Comunidade, mas não se reduz a ela. Porque a Pessoa tem um valor único e absoluto.

Por isso mesmo, Jesus, o nosso Mestre, faz depender o perdão das dívidas contraídas diante de Deus do perdão das dívidas mútuas: "assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido".

Ninguém pode adorar e amar a Deus se ao mesmo tempo desvaloriza e despreza o Homem.

Kyrie, eleison!

Christe, eleison!

Kyrie, eleison!

Deus misericordioso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Ámen!

Oremos (...)

Livra-nos, ó Pai, do mal que fazemos,
o único mal que nos faz mal,
o mal do homem que nos leva a fazer
o que detestamos e nos impede
de fazer o Bem que amamos:
o teu Cristo Jesus,
o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo,
aproximou-se de nós e dirigiu-nos
a Palavra que cura do mal que sofremos,
o verdadeiro mal do homem.

Ámen!

Leitura do Livro de Ben-Sirá (Sir 27,33 — 28,9)

O rancor e a ira são coisas detestáveis, e o pecador é mestre nelas. Quem se vingá sofrerá a vingança do Senhor, que pedirá minuciosa conta de seus pecados. Perdoa a ofensa do teu próximo e, quando o pedires, as tuas ofensas serão também perdoadas. Um homem guarda rancor contra outro e pede a Deus que o cure? Não tem compaixão do seu semelhante e pede perdão para os seus próprios pecados? Se ele, que é um ser de carne, guarda rancor, quem lhe alcançará o perdão das suas faltas? Lembra-te do teu fim e deixa de ter ódio; pensa na corrupção e na morte, e guarda os mandamentos. Recorda os mandamentos e não tenhas rancor ao próximo; pensa na aliança do Altíssimo e não repares nas ofensas que te fazem.

Canto responsorial (do Salmo 94)

**O Senhor é clemente e compassivo,
cheio de misericórdia para com todos!**

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades.
Salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.

Leitura da Carta de Paulo aos Romanos (Rm 14, 7-9)

Irmãos: Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo. Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor. Portanto, quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor. Na verdade, Cristo morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos vivos e dos mortos.

Aleluia!

Dou-vos um mandamento novo, diz o Senhor:

Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 18,21-35)

Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou-lhe: *Se meu irmão me ofender, quantas vezes deverei perdoar-lhe? Até sete vezes? Jesus respondeu: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Na verdade, o reino de Deus pode comparar-se a um rei que quis ajustar contas com os seus servos. Logo de começo, apresentaram-lhe um homem que devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor mandou que fosse vendido, com a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para assim pagar a dívida. Então, o servo prostrou-se a seus pés, dizendo: «Senhor, concede-me um prazo e tudo te pagarei». Cheio de compaixão, o senhor daquele servo deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida. Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, agarrou-o pelo pescoço, dizendo: “Paga o que me deves”. Então, o companheiro caiu a seus pés e suplicou-lhe, dizendo: ‘Concede-me um prazo e pagar-te-ei’. Ele, porém, não consentiu e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto devia. Testemunhas desta cena, os seus companheiros ficaram incomodados e foram contar ao senhor tudo o que havia sucedido. Então, o senhor mandou-o chamar e disse: «Servo mau, perdoei-te, porque me pediste. Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?» E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão de todo o coração.*

Aleluia!

Homilia

Tal como há oito dias, também hoje o trecho do Evangelho acabado de ler faz parte de um *discurso* - de um *ensinamento* - de Jesus sobre a atitude da comunidade para com o perdão (Mt 18, 6/35).

Mateus começa por converter uma instrução de Jesus num diálogo entre ele e Pedro, instrução que arranca de uma pergunta feita pelo discípulo ao Mestre: “quantas vezes posso perdoar?” (Mt 18, 21-22). À vingança sem limites dos primórdios, Jesus contrapõe o perdão sem limites.

Segue-se depois uma parábola (23-34) que tem pouco a ver com o ensinamento de Jesus. A questão era: perdoar quantas vezes?

A parábola, no entanto, não diz respeito à pergunta anterior - “quantas vezes posso perdoar?” -, antes ilustra o que Jesus tinha dito aos discípulos noutra altura, quando lhes ensinou a oração do Pai-nosso: “perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (Mt 6,12), pois que “se perdoardes aos homens, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós” (Mt 6,14).

Mateus explicava então às comunidades proto-cristãs que ele frequentava ou até formara que tinham de levar a sério o ensinamento de Jesus, contido na oração do Pai-nosso: “Pai nosso...: perdoa-nos as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

A isto se chamava, no contexto da cultura judaica, um *midrash*, um ensinamento edificante, poderíamos até dizer na nossa linguagem moderna, uma homilia edificante. Portanto, uma explicação que não deixasse dúvidas.

A parábola tenta mostrar a necessidade de imitar a misericórdia de Deus: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai” (Mt 5,48), “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36), “Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperardes em troca. Então, será grande a vossa recompensa e sereis filhos do Altíssimo, porque ele é bom até para os ingratos e os maus” (Lc 6,35).

A parábola utiliza uma linguagem clara e arrasadora. Quem objetaria contra?

Não esqueçamos que Mateus escreve o seu Evangelho para cristãos procedentes do judaísmo. E, no Judaísmo, apesar do que já dizia o Livro do Levítico (19,18) - “Não te vingarás nem guardarás rancor aos filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo” - e apesar de Tobias - “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti” (Tb 4,15) -, no Judaísmo, dizia, a lei vigente ou a Moral possível era “olho por olho, dente por dente” (Lv 24,20).

Ainda hoje é assim. Mateus dirigia-se a cristãos provenientes do Judaísmo, por volta do ano 80. A esta data, já o processo de separação do Judaísmo e do Cristianismo tinha chegado ao fim. Até já Jerusalém - no ano 70 - tinha sido arrasada pelos romanos. Mateus e a comunidade (judeo-cristã) procedem da Sinagoga, mas estão já em rutura com ela, num tempo em que o Judaísmo oficial, arrasado pelos romanos e sem Templo, intentava calar qualquer movimento dissidente por ele estabelecido, em particular o próprio movimento cristão.

Mateus percebe que a sua comunidade - proveniente do Judaísmo - tem dificuldade em ceder numa questão tão importante como esta do perdão. Por isso, venha ou não a propósito, sempre que pode, afirma-lhes que, para os discípulos de Jesus, é fundamental, é estrutural e radical o perdão: “Amái os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois ele faz com que o sol se levante sobre os bens e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores. Porque, se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter?” (Mt 5,43-46).

Eu sei. Eu sei que o perdão é sempre muito difícil. Mas faz parte integrante do cerne da mensagem de Jesus. Também sei que não se ama um inimigo como se ama um amigo, muito menos um irmão ou um filho.

Eu sei. Mas também sei que se o perdão não faz parte da ética da cultura que corre, continua a fazer parte da Boa Nova de Jesus. E mesmo que o perdão apareça impossível, temos sempre o exemplo de Jesus, guardado não por Mateus, mas pelo médico Lucas, não tão preso à cultura judaica, ele que escrevia para cristãos vindos do paganismo: “Perdoai-lhes, ó Pai, que não sabem o que fazem!” (Lc 23,34).

Bodas de ouro de casamento

Abençoe o Senhor estas alianças
que entregais um ao outro
em sinal de amor e de fidelidade!
As alianças carregam uma prece, um voto:
Que o Senhor esteja convosco!

Dores, recebe esta aliança
como sinal do meu amor e da minha fidelidade,
em nome do Pai, e do Filho
e do Espírito Santo!

Sousa, recebe esta aliança
como sinal do meu amor e da minha fidelidade,
em nome do Pai, e do Filho
e do Espírito Santo!

Para as Preces

O projeto de Criação do Céu e da Terra
implica da parte dos homens
uma Consciência edificadora da Unidade e da Fraternidade!

Tu és Cristo, Filho do Deus vivo, escuta-nos!

Seremos fermento de Unidade no Mundo
quando voltarmos a ser
um grande espaço de Amor e Comunhão!

Sobre os rios se fazem pontes,
sobre os mares se rasgam estradas,
as comunicações chegam às mais densas florestas!
Mas as guerras podem desfazer tudo!

O Individualismo é o maior inimigo da Comunidade,
e o Coletivismo o maior inimigo da Pessoa;
mas não há comunidades sem pessoas,
como não há pessoas sem comunidades!

A Fé estabelece os fundamentos da Comunidade;
a Esperança prepara-a para o Acabamento final;
mas a Edificação é obra da Caridade!

Oração final

Oremos (...)

Nós te damos graças, ó Pai,
por este sinal da Cruz que o teu Filho nos deixou,
e faz-nos amar a tua Vontade,
para que o nosso querer seja o teu querer
e o Mundo saiba que te amamos em todas as situações
e em todas as nossas atitudes!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!

Âmen!

Na próxima 5ª Feira, dia 21, a oração semanal é no Torne

LEITURA DIÁRIA

2ª-feira: 1 Tm 2, 1-8; Sl 27; Lc 7, 1-10
3ª-feira: 1 Tm 3, 1-13; Sl 100; Lc 7, 11-17
4ª-feira: 1 Tm 3, 14-16; Sl 110; Lc 7, 31-35
5ª-feira: 1 Tm 4, 12-16; Sl 110; Lc 7, 36-50
6ª-feira: 1 Tm 6, 2c-12; Sl 48; Lc 8, 1-13
Sábado: 1 Tm 6, 13-16; Sl 99; Lc 8, 4-15

5. Catecumenato

«Pode um engenheiro, um doutor, aprender o Evangelho? Para quê? Batizado em criança, confessado e comungado, particular e solenemente, doutrina e casamento, pode ainda aprender algo mais de Jesus Cristo e da Igreja? Não saberá já tudo? E pode uma mulher curtida por uma vida madrasta, cansada de tanto sofrer, de uma cultura bem diferente da de um engenheiro, doméstica - diz a nomenclatura social - , aprender algo mais que lhe ilumine a vida, e lhe ensinar algo? Estou, efetivamente, a falar do Catecumenato da Serra do Pilar. Verdade é, no entanto, que Catecumenato e Comunidade estão intimamente orientados um para a outra. Sem Comunidade, não há Catecumenato: ela é o meio deste. Mas, sem Catecumenato, a Comunidade morrerá por incapacidade de renovação e crescimento, neste mundo moderno. Que a Comunidade não nasce como a generalidade dos organismos vivos, vida transmitida pela carne e pelo sangue. Os tempos da cristandade já lá vão. Eis porquê, na Serra do Pilar, esta tarefa do Catecumenato dos adultos continuará a ser a primeira e grande tarefa. Começado em 1976, está ainda de boa saúde».

Pe. Arlindo de Magalhães

(In "*O Catecumenato da Serra do Pilar*", 1994)